

Selfie e experiências afetivas: corpo múltiplo e modulação da intimidade no cotidiano fotográfico

Selfie and affective experiences: body multiple and modulation of intimacy on everyday photography

Leonardo Pastor^[*]
leopbr@gmail.com

RESUMO

Baseando-se em uma investigação etnográfica da prática de selfie, este artigo possui o objetivo de compreender as relações entre intimidade e experiências afetivas produzidas no cotidiano fotográfico através de diferentes plataformas digitais. A partir dos relatos apresentados, discute-se um compartilhamento de afeto e intimidade a partir de relacionamentos familiares e amorosos, performances corporais e trocas de selfies íntimas chamadas comumente de *nudes*. Demonstra-se uma experiência afetiva que faz parte da construção da selfie enquanto prática, envolvendo-se com o uso cotidiano de plataformas, misturando-se a dados, corpos múltiplos, materialidades digitais, emoções e diferentes modulações da intimidade.

Palavras-chave: Selfie. Intimidade. Afeto. Etnografia.

ABSTRACT

Drawing on an ethnographic investigation of the selfie practice, this article aims to understand the relationships between intimacy and affective experiences produced in everyday photography through different digital platforms. From the accounts presented, I discuss the sharing of affection and intimacy from family and love relationships, body performances and exchanges of intimate selfies commonly called *nudes*. It is demonstrated that an affective experience is part of the construction of the selfie as a practice, involving itself with the daily use of platforms, entangled with data, multiple bodies, digital materialities, emotions and different modulations of intimacy.

Keywords: Selfie. Intimacy. Affect. Ethnography.

^[*] Universidade Federal de Sergipe (UFS). Rua Cláudio Batista, s/nº - Cidade Nova, Aracaju (SE).

Introdução: uma etnografia diante da prática de selfie

Usando uma camisa preta e cueca samba-canção branca, Martim fotografa-se em um banheiro. Ele olha diretamente para o espelho, segura o *smartphone* com uma das mãos e faz uma selfie na qual aparece do joelho para cima, mostrando, ainda, a pia, toalhas penduradas e o vaso sanitário. Em cima da imagem, em uma região de parede, Martim escreve “selfie banheiro de hotel” e, logo abaixo, no local do vaso, coloca a geolocalização da cidade de São Paulo. Em outra publicação, compartilhada no modo galeria do Instagram, ele se fotografa junto com seu marido, Mario, colocando um filtro que deixa a imagem completamente vermelha. Os dois, deitados na cama sem camisa, olham diretamente para a câmera, enquanto Martim encosta a cabeça no ombro de Mario. Em primeiro plano na imagem, por cima de suas cabeças, vê-se ainda a mão de seu companheiro formando com os dedos a letra “L”. Não há nenhuma legenda, mas ele adicionou uma informação de localização fictícia, de nome “Onde Os Sonhos Se Realizam”.

Martim, artista de 40 anos, é um dos participantes de pesquisa etnográfica¹ que visava investigar, em termo práticos, a produção cotidiana de selfies² (PASTOR, 2020). Esta pesquisa mais abrangente, realizada durante dois anos, teve como ponto inicial uma praça na cidade de Salvador, a partir da qual tive contato com diferentes pessoas e práticas de selfie. Deste trabalho de campo inicial, emergiram participantes – os quais chamo de personagens³ – que foram acompanhados por mim durante todo o período da pesquisa e cujos relatos ajudaram a construir este texto. Diferentemente de outras investigações etnográficas sobre selfies (WARGO, 2015; WEILENMANN; HILLMAN, 2020), eu segui interações e publicações em redes sociais – especialmente Instagram, a mais utilizada pelos personagens – e também participei, em diferentes momentos, de experiências e conversas envolvendo a produção e compartilhamento de imagens, tanto de maneira remota quanto pessoalmente. Tratou-se, ainda, de uma análise guiada por uma visão pragmatista (JAMES, 1912, 2000; SAVRANSKY, 2021; STENGERS, 2007), buscando seguir a experiência relacionada à prática de selfie a partir das consequências práticas

produzidas na vida cotidiana – perspectiva que, da mesma forma, guia também a construção deste artigo.

A descrição feita acima, dos autorretratos comparilhados por Martim, poderia ser pensada também como uma descrição não apenas de imagens, mas de um cotidiano de afeto e intimidade. Como apontam alguns autores, selfies podem reconfigurar as negociações de intimidade (ENGUIX; GÓMEZ-NARVÁEZ, 2018), modulam as formas de experienciar o corpo (TIIDENBERG; GOMEZ CRUZ, 2015) e podem ser pensados como práticas sócio-técnicas afetivas (HYNNÄ-GRANBERG, 2021). Neste texto, baseando-me na etnografia desenvolvida, discuto uma questão específica dentre aquelas que emergiram no decorrer do processo de pesquisa: as experiências afetivas a partir de suas trajetórias construídas no cotidiano e suas relações com modulações da intimidade. Em um primeiro momento, trato da prática de selfie em meio a diferentes tipos de afetos, envolvendo a proximidade com o outro através da construção de autorretratos. A partir da questão sobre afetos e emoções como intrinsecamente associadas ao corpo, observo em um segundo momento uma intimidade compartilhada, conduzida pelos participantes da pesquisa, que envolve o erótico e a sexualidade em compartilhamento de selfies relacionadas à nudez. Esta análise guia-me tanto para a compreensão de uma performance corporal associada à prática como, também, a experiências afetivas que se envolvem com o uso cotidiano de diferentes plataformas, em um emaranhado de materialidades, dados, corpos múltiplos e modulações algorítmicas da intimidade.

Afetos cotidianos e intimidade compartilhada

Qual foi a última selfie que você fez? – eu pergunto a Elena, comerciante de 30 anos. Ela me mostrou uma foto na qual aparece deitada na cama, bem ao lado de sua filha, Maria Clara, de três meses; a mãe sorri, mostrando todos os dentes, enquanto a criança dá um sorriso mais discreto e mantém os dois braços levantados; as duas estão vestidas com camisas do time de futebol Bahia e olham diretamente para a câmera. “Gosto de vesti-la de Bahia e fotografar”, Elena explica a situação dessa selfie na cama. Ela, então, compartilhou a imagem em grupos de What-

1 – A etnografia foi desenvolvida entre fevereiro de 2018 e abril de 2020.

2 – Para uma revisão de estudos sobre selfie, ver: Montardo Weber (2018), Senft e Baym (2015) e Pastor (2020).

3 – Para garantir o anonimato dos participantes da pesquisa, seus nomes foram trocados, assim como nenhuma imagem é incorporada a este trabalho.

sApp, colocou como foto de perfil no Facebook e, ainda, publicou no Instagram. No texto da legenda, escreveu algo como se estivesse imaginando o que sua filha estaria pensando naquele momento: “Bora Bahêaaaa, mamãezinha”. Como previsto, há muitas curtidas e comentários, com frases como “Que lindas!! Sua bebê é muito linda Elena”, “Lindas que amo” ou “Lindas apesar das camisas”.

Durante os quase dois anos que acompanhei a rotina fotográfica de Elena, eu acabei observando também – através de vídeos, fotos e selfies – tanto o crescimento de sua filha quanto parte de um cotidiano doméstico daquela família. Nesse período, suas publicações aumentaram bastante de frequência, e Maria Clara tornou-se cada vez mais protagonista das imagens compartilhadas. Nesse percurso, o modo *stories* do Instagram foi se tornando mais popular entre os personagens desta pesquisa, inclusive no caso de Elena, que passou a utilizá-lo de forma a registrar e exibir momentos de maior intimidade em sua casa, com seu marido e filha. No entanto, a função de desaparecimento das imagens em vinte e quatro horas, proporcionado pelo *stories*, acaba sendo quase ignorado por Elena, já que, depois da possibilidade de fixar publicações deste tipo nos “destaques”, ela prefere mantê-las visíveis por mais tempo e deixá-las evidentes em seu perfil. Ao acompanhar seus *stories*, agregados atualmente em mais de cinquenta destaques diferentes, é possível ver Maria Clara crescendo, saindo do colo e começando a caminhar, e então cada vez mais participando da prática de selfie junto com a mãe.

Essas frações da vida cotidiana de Elena, através da profusão de selfies junto com sua filha, acaba revelando uma intimidade que se transforma em narrativa – a partir especialmente do uso constante do modo de compartilhamento chamado justamente de “histórias” (*stories*). Como já apontava Lauren Berlant (1998, p. 281), “intimidade também envolve um anseio por uma narrativa sobre algo compartilhado, uma história sobre si e outros que se desenvolverá de uma maneira específica.”⁴ É como se Elena, nesse sentido, compartilhasse – e transformasse em uma narrativa imagética – uma intimidade que se constrói na partilha do cotidiano com sua família. Na trecho citado, Berlant (1998) continua: “Normalmente, essa história se passa em zonas de familiaridade e conforto: amizade, formas familiares e de casais, animadas

por tipos expressivos e emancipatórios de amor.” Esse aspecto narrativo da intimidade, portanto, traduz bem as relações afetivas construídas no cotidiano de Elena através também das selfies que são compartilhadas. Como lembra Amparo Lasén (2015, p. 75), “Práticas de selfie são um exemplo de como atualmente a intimidade é modulada fora do domínio privado. A capacidade das inscrições digitais de serem exibidas, replicadas e compartilhadas facilita essas formas de intimidade públicas e móveis.”⁵ Seguindo Lasén, chamo de “modulação da intimidade” justamente essa construção íntima que pode extrapolar o privado, associando-se ao modo como se articula a relação entre compartilhamento de imagens de si e as interações nas plataformas digitais – em uma conexão cotidiana de possibilidades de afeto em práticas situadas.

Outro tipo de relação afetiva e íntima revelou-se também presente na rotina fotográfica de diferentes personagens: a produção de imagens realizada entre casais. Foi interessante, inclusive, observar certos aspectos de modulação da intimidade no começo e desenvolvimento de um relacionamento amoroso. É o caso da estudante de 18 anos Mônica, personagem que, quando conheci, ainda estava no ensino médio e não namorava. Enquanto eu acompanhava suas publicações no Instagram, e conversávamos sobre suas práticas de selfie, ela entrou na universidade e, em certo momento, iniciou um namoro. Dentre as novas experiências afetivas traçadas nesta mudança de ambiente e convívio – novos amigos e relações que cada vez mais passaram a fazer parte de sua prática de selfie –, o também novo relacionamento amoroso ganhou destaque em meio ao compartilhamento de imagens em redes sociais. A primeira foto na qual vi Mônica junto com seu namorado foi justamente uma selfie, compartilhada no modo *stories* do Instagram em junho de 2019. Na imagem, os dois aparecem lateralmente, com os rostos bem próximos e olhando um para o outro. Sorrindo, eles mostram uma grande argola em suas orelhas. Por cima da imagem, Mônica escreveu: “Quando seu namorado tem um furo na orelha e bafa seu brinco p fazer piada”. Não apenas há um compartilhamento de um momento lúdico e íntimo entre o casal, como também a selfie, junto com a ênfase do “namorado” no texto, funciona como uma maneira de partilhar a notícia daquele início de namoro. Isso, claro, inicialmente apenas

4 – “But intimacy also involves an aspiration for a narrative about something shared, a story about both oneself and others that will turn out in a particular way. Usually, this story is set within zones of familiarity and comfort: friendship, the couple, and the family form, animated by expressive and emancipating kinds of love.”

5 – “Selfies practices are one example of how nowadays intimacy is modulated outside the private realm. The ability of digital inscriptions to be displayed, replicated and shared facilitates these forms of public and mobile intimacy.”

para os amigos mais próximos, já que a publicação foi realizada no modo restrito de “melhores amigos”⁶.

Um “anúncio” mais amplo – ou em certo sentido uma afirmação mais pública dessa intimidade e novo status de relacionamento – acaba acontecendo apenas um tempo depois, em agosto, através de uma publicação no modo galeria (na qual qualquer pessoa que a segue na plataforma poderia visualizar). Mais uma vez, essa intimidade compartilhada forma-se a partir de autor-retratos. Neste caso, três selfies seguidas, em preto e branco e realizadas no quarto de Mônica: na primeira, os dois abraçados e rindo para a câmera; depois, em um enquadramento mais próximo, fazendo caretas; por fim, rindo novamente, mas dessa vez com a imagem um pouco tremida. Além das fotografias, a reafirmação do relacionamento aparece também no texto: “o casal moderno é composto por uma pessoa que acha O Primeiro Vingador melhor que O Soldado Invernal e uma pessoa sensata”. Mônica me explica que se tratou, justamente, de uma maneira de tornar público o relacionamento:

Nesse dia a gente tava pertinho de fazer 3 meses de namoro e a gente já tinha tido uma conversa do tipo “todo namoro precisa de pelo menos 3 meses pra gente postar foto no feed pq antes disso é o período de teste do spotify”. Aí como tínhamos passado as férias de julho separados, essa foi a primeira vez que saímos depois de uns 15 dias sem nos vermos, resolvemos tirar essas fotos pra “oficializar” no Instagram.

Essa experiência afetiva, presente nesta situação de prática de selfie, constrói-se como uma intimidade compartilhada em dois sentidos complementares: em uma partilha de afeto entre o casal, fotografando-se no quarto e aproveitando o momento juntos; e uma partilha daquele afeto para a possibilidade de interação junto com amigos e conhecidos em uma plataforma digital. Tornar pública uma selfie em casal afeta a própria dinâmica do relacionamento; e, de certa forma, como diz Mônica, atua para sua legitimação: “acho que querendo ou não, postar foto no Instagram tem um certo ‘poder’ de tornar uma relação ‘oficial’ porque todos no seu ciclo social vão ver

aquilo”. O “poder”, colocado por ela entre aspas, acaba se referindo a seu sentido realmente de ação: a imagem compartilhada age na modulação da intimidade, dá materialidade à própria relação sendo construída naquele período. Percebe-se, assim, como práticas vinculadas à intimidade em sua relação com mídias digitais extrapolam o domínio privado e tornam-se também componentes de uma performatividade pública (HJORTH; LIM, 2012) – em uma constante oscilação e indefinição daquilo que é íntimo e do que se revela em público (LASÉN, 2015). O que se constrói enquanto intimidade, portanto, atravessa o uso cotidiano das plataformas digitais com as quais os personagens deste trabalho interagem no decorrer da prática de selfie, incluindo, assim, suas experimentações com a vergonha e visibilidade (PASTOR, 2021), diluição de certas fronteiras entre público e privado, experiências algorítmicas e diferentes formatos e interações comunicativas.

Se é possível perceber a construção de novas experiências afetivas através da prática de selfie no início de uma relação amorosa, como é o caso de Mônica demonstrando seu namoro com Daniel, a quebra desses vínculos também acaba passando pelas formas através das quais autorretratos são compartilhados em redes sociais. Quando comecei a acompanhar o cotidiano de Teresa, psicóloga de 28 anos, percebi que ela estava em um relacionamento, e publicava muitas selfies junto com seu namorado. Em uma delas, por exemplo, ela se fotografa ao lado dele em um ambiente aberto, com um lago ao fundo e uma grande área verde. Teresa de biquíni e ele sem camisa, ambos de óculos escuros, aproximam-se e sorriem para a foto. “Ah, meu ex”, ela me diz quando mostro aquela imagem, e em seguida dá uma risada. “Inclusive eu deletei as fotos”, Teresa fala logo depois, dando uma risada mais alta. Eu já havia percebido que, repentinamente, seu namorado havia sumido de seu Instagram, e imaginei que aquela ausência estaria vinculada a um término de relacionamento. A dinâmica de publicações de Teresa acaba também se modificando, inclusive naquilo que ela decide tornar visível ou não. No caso do ex-namorado, a escolha foi pela invisibilidade: as selfies com ele, como ela me conta, não foram completamente deletadas, continuam nos arquivos de seu *smartphone*, mas foram retiradas de todas suas redes sociais. A ausência de imagens, portanto, mostra-

6 – Trata-se de um modo de compartilhamento do *stories* no qual é possível restringir a visualização para um grupo definido de seguidores. Em 2020 o Instagram modificou o nome de “melhores amigos” para “amigos próximos”. No entanto, utilizo neste texto a primeira denominação, porque é a expressão utilizada pelos personagens e presente na plataforma no período de desenvolvimento da etnografia.

-se também uma consequência da quebra de experiências afetivas com aquela pessoa. “Quando era Fotolog⁷, ficava escondido, né. Só apareciam seis. Quando abria a galeria, era muito pesado, então não precisava retirar [fotos com ex-namorado]. Era blog, tinha que passar de página ainda”, conta-me Teresa, explicando que, no caso do Instagram, essa relação muda, porque a galeria está sempre disponível, acessível a um simples deslizar de dedo no celular.

Esse percurso de experiência, percebido através do cotidiano dos personagens, acaba por revelar um conjunto de diferentes afetos envolvidos na prática de selfie. Não se tratam apenas de emoções específicas, supostamente ativadas por alguma prática, mas modos de experimentar o cotidiano que passam pelas formas através das quais afetamos e somos afetados, através das quais compartilhamos e conduzimos diferentes modulações da intimidade. Trata-se do que, por exemplo, Kathleen Stewart (2007, p. 1–2) – a partir de Deleuze e Guattari – chama de afetos ordinários: “as variadas e crescentes capacidades de afetar e de ser afetado que dão à vida cotidiana a qualidade de um movimento contínuo de relações, cenas, contingências, e emergências.”⁸ Pensar em afeto nesses termos é interessante para perceber como, no caso deste trabalho, as performances, sociabilidades, compartilhamentos e interações participantes da prática cotidiana de selfie transformam e fazem parte das maneiras através das quais as intimidades são moduladas, emoções são construídas e partilhadas, e como uma experiência é moldada enquanto um aprendizado de relatar a si mesmo. Como escreve Stewart (2007, p. 2), “Afetos ordinários são sentimentos públicos que começam e terminam em circulação mais ampla, mas eles são também coisas das quais as vidas

íntimas são feitas.”⁹ Portanto, uma intimidade compartilhada, através de selfies, é sugerida aqui justamente neste sentido: de afetos ordinários em circulação ampla, mas constituidores da própria vida cotidiana e íntima. A ênfase neste artigo, dessa forma, se volta especialmente para os modos de afetar e ser afetado que se relacionam com uma construção de intimidade. No entanto, chamar atenção para tais questões de afeto significa também atentar-se para uma experiência em andamento, pautada pelas relações, emoções e por aquilo que se coloca como relevante nesse processo. Como lembra Grossberg (2018, p. 10–11), por exemplo, afeto “é uma dimensão ou ingrediente essencial da bagunça da experiência humana”, sendo, também, “o produto contingente de eventos humanos e não humanos, contradições e conflitos”¹⁰.

Mostra-se interessante, neste sentido, compreender a possibilidade de afeto¹¹, em meio a uma prática cotidiana de selfie, como aquilo que conecta experiências em eventos situados – envolvendo humanos e não humanos – e permite construir, corporalmente, diferentes emoções. O afeto, portanto, não está nos corpos (humanos ou não), mas na relação; ou, como explica Massumi (1995, p. 96), afeto refere-se a certas relações entre atual e virtual, entre captura e fechamento, pensando na autonomia do afeto enquanto abertura, na qual a “emoção é a expressão mais intensa (mais contraída) dessa captura – e do fato de que algo sempre escapa”¹².

Buscando compreender, a partir do afeto, as práticas que se mostram relevantes a este trabalho, pode-se dizer – levando em consideração a autonomia do afeto trabalhada por Massumi – que interessa não localizá-lo, mas perceber as possibilidades de afetar e ser afetado. E

7 – Fotolog era uma plataforma de compartilhamento de imagens lançada em 2002, na qual era possível publicar uma fotografia por dia, acompanhada de um texto, e interagir a partir de comentários. Tratava-se de um tipo de diário pessoal (blog) dedicado a fotografias.

8 – “Ordinary affects are the varied, surging capacities to affect and to be affected that give everyday life the quality of a continual motion of relations, scenes, contingencies, and emergences.”

9 – “Ordinary affects are public feelings that begin and end in broad circulation, but they’re also the stuff that seemingly intimate lives are made of.”

10 – “What is affect? It is an essential dimension or ingredient of the messiness of human experience, [...] affect is the contingency product of human and non-human events, contradictions and struggles.”

11 – O interesse aqui não é discutir as teorias de afeto (GREGG; SEIGWORTH, 2010), ou apontar correlações e tensionamentos entre perspectivas distintas, mas dialogar pontualmente com alguns autores que podem auxiliar na compreensão de experiências afetivas em práticas cotidianas de selfie desenvolvidas pelos personagens. De todo modo, é importante pontuar que, para esses autores, afeto não se coloca enquanto sinônimo de emoção, apesar desta segunda fazer parte de uma possibilidade afetiva. No caso deste artigo, há uma aproximação entre os dois termos porque a ênfase está em compreender essa perspectiva de afeto para pensar as modulações da intimidade.

12 – “Emotion is the intensest (most contracted) expression of that capture – and of the fact that something has always and again escaped.”

essas possibilidades, como a prática cotidiana de selfie dos personagens revela, associa-se não apenas ao contato e intimidade entre duas ou mais pessoas, mas também a experiências afetivas conduzidas através de diferentes materialidades digitais. Ou seja, a expressão emotiva, gerada nesta captura e fechamento de afetos, revela-se também nos diversos metatextos, modulações algorítmicas, códigos e sistemas que compõem as plataformas digitais e participam de cada interação realizada através de selfies. Como será visto em seguida, a relação entre corpos e selfie revela também não apenas que práticas cotidianas são performadas através de algoritmos (WILLSON, 2017), como também modulam certos modos como a intimidade é compartilhada nesses ambientes.

Corpo múltiplo e modulação algorítmica da intimidade

Em *The Principles of Psychology*, William James (1950) dedica um capítulo à questão das emoções. Em sua análise, ele começa buscando se afastar de uma simples descrição de emoções e características expressivas específicas, comuns aos estudos de psicologia, evitando assim generalizá-las e, portanto, entendendo que elas se mostram de maneiras diferentes em cada pessoa e cada interação. O mais interessante da discussão levantada por James, no entanto, está em seu argumento pelo entendimento de emoção como sendo o resultado de mudanças corporais, e não o de uma percepção mental. Ao invés de pensar na emoção como algo puramente mental, produzida pela percepção a partir de algum fato, James inverte essa lógica para tratá-la como efeito da mudança corporal. Dessa forma, o que é sentido, em termos de emoção, relaciona-se ao momento no qual ela é corporalmente experienciada. Ou seja, a emoção constitui-se e revela-se corporalmente. Portanto, não existe emoção dissociada do corpo. É nesse sentido que, para ele, não se mostra relevante uma classificação de tipos específicos de emoções; a ideia, na verdade, seria pensar em como a expressão de alguma emoção passa a existir. “A emoção aqui nada mais é do que a sensação de um estado corporal, e ela possui uma causa puramente corporal”¹³, escreve James (1950, p. 459).

A prática cotidiana de selfie, desenvolvida pelos personagens, demonstra muitas vezes essa expressão emotiva que passa, obrigatoriamente, pelas expressões dos corpos. E isso acontece em diferentes níveis: no levantar do braço

para manter uma performance corporal que permita um enquadramento para um autorretrato; na expressão facial e do contato com o outro – abraços, beijos, encontros de carinho e intimidade –; na visibilidade ou invisibilidade de partes do corpo, e na escolha do que se compartilha ou não; nos gestos, toques e transformação corporal em informação numérica; no compartilhamento e modulação da intimidade e dos corpos através dos sistemas algorítmicos; no afeto registrado em imagem e transformado em metatextos e conjuntos de materialidades digitais.

As práticas apresentadas até o momento, a partir do cotidiano dos personagens, demonstram várias dessas expressões emotivas que passam por processos de corporificação. Há, no entanto, um tipo específico de selfie que torna essa ênfase na performance corporal ainda mais evidente: os autorretratos de nu ou seminú que comumente são chamados de *nudes*.

Diferentemente de outras imagens, a selfie que se volta para algum tipo de nudez costuma ser compartilhada em ambientes mais privados, com uma audiência muito controlada ou, na maior parte das vezes, em conversas fechadas entre poucas pessoas. Martim, por exemplo, participa atualmente de um grupo de troca de mensagens com um casal de amigos, formando um ambiente um pouco mais íntimo, e com performances corporais e intenções específicas na relação com a nudez:

[...] é um casal, que trabalha com a gente, comigo e com Mario, a gente tem um grupo que a gente vira e mexe e ah “boa tarde” e pá, aí manda um nude. Esse nude ele é muito mais um desbunde humorístico do que um desejo de provocar tesão. Não é exatamente sobre isso. É sobre assim, ah, como você tá, eu tô bem, aí eu mando uma foto de um ovo, de uma bunda, de meu pau, sei lá do que. É bem diferente. Inclusive os conteúdos.

Os tipos de selfie-nude, portanto, modificam-se de acordo com as relações de intimidade existentes entre as pessoas, assim como a forma de produção da imagem e seu compartilhamento. “É muito diferente”, Martim me explica, “mandar um nude para um grupo um tanto genérico, e de você mandar um nude pra alguém a quem você sente atraído”. A partilha de intimidade, então, modifica-se, e os comportamentos e performances dos corpos vão dialogando com cada modo e audiência dessa partilha – assim como, portanto, a circulação dos afetos. Mesmo essa construção

13 – “The emotion here is nothing but the feeling of a bodily state, and it has a purely bodily cause.”

emotiva pautada por corpos nus, e uma intimidade compartilhada em diferentes níveis, são desenvolvidas a partir de um aprendizado – tanto da própria prática de selfie quanto um aprendizado corporal. Como explica Martim: “Eu me lembro que os primeiros nudes que eu mandei foram pra ele [Mario, marido de Martim]. E também como jeito de me sentir seguro pra lidar com isso”.

Nesse entrelaçamento de corpos e selfies, Martim chama atenção para uma dimensão da autofotografia que se volta para o que ele nomeia como uma “erótica” capaz de produzir afetividade. E isso, ele explica, não necessariamente envolvendo corpos nus, mas pensando em termos da interação e exposição desses corpos:

Me parece que [...] há na selfie uma dimensão marcadamente erótica. Não tô falando de uma dimensão sexual, [...] mas de produzir afetividade, amorosidade, que, mesmo que haja numa paisagem, quando se coloca corpo, pele, gente, isso ganha uma dimensão, me parece, mais afetuosa, mais erótica, isso vai se adensando quanto mais você for lidando com filtros específicos. Então se você faz um olhar xis, ou se você posta uma foto beijando sua companheira ou companheiro, ou se você posta uma foto com... pouca roupa.

Essa fala de Martim depois me fez pensar nessa relação afetiva envolvendo a produção corporal na prática de selfie, e observar, inclusive, a possibilidade de um vínculo emocional que se desenvolve através de imagens de si e que passa tanto por um cotidiano de relações amorosas, familiares, de amizade e carinho, quanto por modos de performance e exibição de corpos (nus ou não) em diferentes plataformas digitais. Naquele momento, quando Martim me falava sobre essa ideia de uma erótica envolvida na prática de selfie, ele começou a me contar sobre uma imagem compartilhada no modo *stories* do Instagram, na qual ele aparece tomando banho, com um enquadramento do ombro para cima, e com a água batendo em seu corpo; na parte inferior da selfie, escreveu: “mais alto que o chuveiro”. Mesmo sem mostrar completamente seu corpo nu, aquela publicação acabou gerando uma grande interação:

Eu me lembro de postar selfie no chuveiro. Sim, uma das selfies que mais teve repercussão assim, de inbox, de muita resposta erótica particularmente [risos], foi quando eu tava numa cidade, no interior, e o chuveiro eu não conseguia, e... eu tenho um metro e noventa, e eu era mais alto que

o chuveiro. Então eu me lembro que eu ficava do lado do chuveiro, passava do lado do chuveiro. [...] Eu me lembro que só o fato de eu me fotografar, [...] mesmo que aparecesse absolutamente nada, nem um mamilo aparecia, meu pescoço e minha cabeça. Mas aquilo dali endereçava pra um lugar de intimidade, de nudez, de... que foi uma das fotos que mais geraram esse tipo de repercussão erótica, afetiva [...]. Mas isso me intrigou, porque eu já postei fotos mais insinuantes, por exemplo, do ponto de vista afetivo, eu com Mario, ou eu de cueca, sei lá o que, e gerou alguma repercussão, tanto no feed quanto no stories. Mas essa eu me lembro que ela teve um negócio que quase eu levava a pessoa pra dentro daquele chuveiro ali.

Essa lógica de expressividade emotiva a partir dos corpos – e que, mesmo nesse exemplo, extrapola o corpo físico de Martim – revela um modo de afetar e ser afetado que se constrói na experiência de relatar a si mesmo através de selfies. É interessante, inclusive, perceber como Martim identifica uma intimidade que é compartilhada de maneira mais intensa mesmo que, na comparação com outras imagens, a nudez se mostre menos evidente. Em certo sentido, e para relações específicas, é como se Martim levasse a pessoa que visualiza e interage com aquela prática situada de selfie “pra dentro daquele chuveiro”; compartilhasse, portanto, aquela intimidade. Martim, dessa forma, também me afeta, no sentido de me chamar atenção para a importância dos corpos em uma prática de selfie envolvida com plataformas digitais: “eu não vi algo mais poderoso que o corpo como gerador de repercussão nessas mídias sociais”, ele me diz, ao pensar sobre sua experiência tanto como artista quanto alguém que cotidianamente produz, visualiza e interage com selfies.

Dentre os personagens, no entanto, Martim não é o único a experimentar com a nudez em um sentido de afeto. Mônica, por exemplo, conta-me que já participou de algumas trocas de *nudes*, mas apenas ao se sentir segura e confiar na pessoa com a qual se relacionava. “Nunca costumei enviar nude/seminude pra qualquer pessoa que me envolvia por (óbvio) medo de ter foto vazada”, conta-me. Depois continua explicando: “Então as únicas ocasiões que enviei foram pra pessoas de confiança (como meu namorado) e normalmente pelo direct do Instagram, que agora tem essa função do antigo Snapchat. Por WhatsApp também já aconteceu”. Ela se refere, neste caso, à possibilidade de enviar imagens no modo *direct* do Instagram que só podem ser visualizadas

uma única vez, permitindo, portanto, um maior controle dessa partilha de intimidade. Nesse sentido, a experiência afetiva configura-se diferentemente a partir de cada uso – e, portanto, cada prática situada – em ambientes digitais distintos, conjuntamente com seus modos próprios de funcionamento, regulação algorítmica e possíveis apropriações para interação. Mônica, ao enviar uma imagem com nudez tanto por WhatsApp quanto pelo modo privado do Instagram, não está compartilhando da mesma maneira, produz uma selfie de forma diferente, transformando a partilha de intimidade e as interações provocadas. Isso, por exemplo, apenas ao mudar, de acordo com a função permitida, a visibilidade de uma imagem, permitindo nova visualização ou não, deletando-a automaticamente ou não. Ou seja, há também uma modulação da intimidade realizada conjuntamente com as plataformas digitais.

De maneira semelhante a Mônica, Gabriel, estudante de 17 anos, contou-me sobre a necessidade de ter uma relação de confiança, e um relacionamento estável, para pensar em enviar fotos com nudez para alguém. Por isso, ele me explica, nunca enviou *nudes*: “Bom, eu nunca mandei nem *nudes* ou fotos íntimas, porque nunca estive em um relacionamento sério, então sempre tive medo e receio de acabar acontecendo esses casos de reprodução da foto pra outras pessoas”. No entanto, Gabriel me diz que, em imagens consideradas por ele como mais íntimas, mesmo não envolvendo nenhum tipo de nudez, o compartilhamento fica restrito a um grupo muito fechado de amigos. “Minha autoestima não é perfeita pra eu ficar mandando selfies zoadas com uma cara feia ou careta pra qualquer pessoa. Então, esse tipo de selfie envio pra um grupo seletivo de pessoas muito próximas”, ele me explica, colocando grande ênfase na palavra “muito”. Quando peço um exemplo desse tipo de imagem, Gabriel me mostra uma selfie na qual ele aparece com um enquadramento cortado do nariz para cima, mostrando seu cabelo preso e bagunçado, e seu rosto preenchido por uma camada branca de argila, deixando apenas os olhos visíveis. Trata-se de uma máscara de argila, ele me diz, em uma selfie que enviou em “situações de conversa de WhatsApp”, em um ambiente, portanto, mais controlado e privado entre amigos. “Não tem

muito uma lógica de quando mandar”, conta-me, “acaba sendo mesmo natural na interação da conversa”.

Com nudez ou não, essa experimentação com os corpos (e através deles) para a produção e compartilhamento de autorretratos digitais revela uma experiência afetiva que se desenvolve através de diferentes modos de se compreender a relação entre emoções e modulações da intimidade em plataformas digitais. Mas isso exige, como os personagens me ajudam a demonstrar, também um entendimento diferente de corpo, emoção e afeto. A ideia de uma repercussão erótica ou afetiva em torno da prática de selfie, como sugere Martim, poderia ser aproximada da proposta de Vinciane Despret (2004, p. 125) de pensar em uma “teoria de corpos afetados e afetivos”¹⁴; ou seja, uma teoria das emoções. Ao invés de encarar a questão sobre “o que é o corpo”, Despret a transforma em uma outra: o que o corpo nos faz fazer, e o que o corpo faz outros fazerem? E esse “fazer”, segundo ela, passa pela forma através da qual afetos são articulados. Despret, inclusive, toma como ponto de partida para sua discussão teórica – além das experiências relatadas envolvendo corpos, animais e práticas científicas – justamente a teoria das emoções de William James, apresentada no início deste tópico. A experiência emocional, trabalhada por James, “nos permite superar a distribuição entre causas e efeitos, entre corpos e mentes, mundos e corpos, mundo e consciência.”¹⁵ (DESPRET, 2004, p. 125). O corpo, dessa forma, torna-se uma ambiguidade a partir dessa experiência, não podendo ser sempre localizado da mesma maneira: oscila entre o mundo dos objetos, dos sujeitos, da natureza, da mente, dos eventos subjetivos etc. A experiência emocional, explica Despret (2004, p. 126) a partir de James, “é uma experiência que nos faz hesitar. Cada evento que a compõe não pode ser firmemente dividido, dificilmente pode ser definido como uma causa ou efeito inequívocos, não pode ser definitivamente associada ao mundo, corpo ou mente.”¹⁶ E essa ambiguidade, portanto, é o que permite pensar em corpos que afetam e são afetados: “Experiências ambíguas, corpos ambíguos, experiências produzindo corpos e corpos produzindo experiências; sinais que vagueiam, hesitam em se consertar:

14 – “theory of affected and affecting bodies”

15 – “enables us to overcome the distribution between causes and effects, between bodies and minds, world and bodies, world and consciousness”

16 – “Emotional experience, in other words, is an experience that makes us hesitate. Each of the events that composes it may not be firmly divided up, may hardly be defined as unequivocal cause or unequivocal effect, may not be definitively said to belong to the world, the body or the mind.”

nós produzimos emoção, e ela nos produz.”¹⁷ (DESPRET, 2004, p. 127) Há, assim, uma articulação entre corpos e mundos; e, nessa articulação, aprendemos a ser afetados. Bruno Latour (2004, p. 205) resume bem este argumento de Despret: “ter um corpo é aprender a ser afetado, significando ‘efetivado’, movido, colocado em movimento por outras entidades, humanas ou não humanas.”¹⁸

É esta experiência, portanto, que se associa à prática de selfie dos personagens, em relação ao modo como as emoções são vivenciadas, corporalmente produzidas, afetadas e capazes de afetar outras práticas. O “aprender a ser afetado”, no caso dessa experiência de autotografia, passa não apenas pelo modo através do qual conduzimos nossos corpos para uma performance apropriada à selfie, mas também pelas formas através das quais corporalmente, afetivamente, nos envolvemos com produções de materialidades digitais, performando conjuntamente com algoritmos, e, portanto, afetando e nos deixamos afetar por outros corpos humanos e não humanos em plataformas digitais de dataficação (DIJCK; POELL; WAAL, 2018; MAYER-SCHÖNBERGER; CUKIER, 2013) e digitalização da vida cotidiana (LASÉN, 2019; LUPTON, 2015). Esse *corpo-em-prática-de-selfie* torna-se múltiplo, no sentido de se reorganizar e se reconectar diferentemente a cada prática situada de selfie de cada personagem. E utilizo a ideia de “corpo múltiplo” aproximando-me da perspectiva de Annemarie Mol (2002), em trabalho no qual ela investiga, em termos etnográficos e filosóficos, uma doença sendo performada/atuada – *enacted* – em um hospital. O corpo se torna múltiplo, assim como os objetos com os quais se relaciona, justamente porque participam de práticas que os sustentam:

[...] objetos passam a existir – e desaparecem – com as práticas através das quais eles são manipulados. E considerando que o objeto de manipulação tende a diferir de uma prática para outra, a realidade se multiplica. O corpo, o paciente, a doença, o médico, o técnico, a tecnologia: tudo isso é mais do que um. Mais do que singular. Isso

*levanta a questão de como eles estão relacionados.*¹⁹ (MOL, 2002, p. 5)

A experiência afetiva aqui discutida, portanto, revela uma corporeidade que se relaciona com os modos específicos nos quais, em cada evento, articulam-se corpos, dados, imagens, algoritmos, sistemas, rostos, práticas, plataformas e afetos. Uma diversidade de corpos e objetos, portanto, não apenas fazem parte da prática de selfie como, também, a produz. Mol (2002, p. 41), por exemplo, escreve: “Na prática, objetos são atuados [*enacted*]”²⁰. É como se, portanto, na prática médica e de atuação de uma doença – na prática de selfie, no caso deste trabalho –, Mol chamasse atenção para a necessidade de considerar uma materialidade performativa dos objetos e múltiplos corpos que a compõem. E é isso, portanto, que a experiência seguida nesta pesquisa também revela: mesmo na produção dos corpos, nas expressividades emotivas – e, portanto, nas experiências afetivas –, diferentes objetos ativam e são ativados – afetam e são afetados – na produção de uma autorretrato digital; ou seja, diferentes materialidades (digitais, especialmente) performam a prática de selfie.

Em outros termos, pode-se dizer que a intimidade compartilhada discutida neste artigo, e os modos privados e cotidianos de se fotografar e interagir através de imagens de si, constroem-se conjuntamente com a multiplicação desses corpos que se fotografam em materialidades de dados, metatextos, ações algorítmicas, interfaces digitais, possibilidades de interação, filtros, aplicativos, pixels, enquadramentos, modos de visualização, ferramentas de edição, dispositivos etc. Ou seja, há também uma modulação da intimidade produzida pelas plataformas digitais. Elas também atuam na experiência, afetam e são afetadas pela experiência vinculada à prática cotidiana de selfie. Como aponta Montardo (2019) sobre o Instagram, por exemplo, a plataforma transforma a maneira como selfies são compartilhadas, agregando à imagem aspectos não icônicos como legenda, hashtag e localização. No entanto, mesmo nos ambientes mais controlados e privados – como em uma conversa no WhatsApp –, em momentos, por exemplo,

17 – “Ambiguous experiences, ambiguous bodies, experiences making bodies and bodies making experiences; signs that wander, hesitate to fix them-selves: we produce emotion, and it produces us.”

18 – “to have a body is to learn to be affected, meaning ‘effectuated’, moved, put into motion by other entities, humans or non-humans.”

19 – “[...] objects come into being – and disappear – with the practices in which they are manipulated. And since the object of manipulation tends to differ from one practice to another, reality multiplies. The body, the patient, the disease, the doctor, the technician, the technology: all of these are more than one. More than singular. This begs the question of how they are related.”

20 – “In practice, objects are enacted”

nos quais algum dos personagens compartilha uma selfie mais descontraída, restrita a amigos específicos, ou mesmo um autorretrato com nudez, há, aí, uma intimidade compartilhada que é modulada através da forma pela qual a plataforma é estruturada, pelas possibilidades de interação, ou pelo ambiente digital que é prioritariamente entendido como privado em trocas de mensagem com criptografia de ponta a ponta. As práticas se transformam de acordo com as possibilidades apresentadas pelas plataformas: *nudes* enviados por Mônica para seu namorado no modo de “autodestruição” em conversa privada no Instagram; Gabriel fotografando-se sem camisa e com as unhas pintadas de preto, compartilhando a imagem apenas para pessoas próximas no filtro de “melhores amigos” do modo *stories*; Martim afetando eroticamente seus seguidores ao publicar uma selfie no chuveiro no modo galeria do Instagram; Teresa arquivando todas as selfies feitas junto com seu ex-namorado; Elena expressando diferentes emoções inserindo diversas *hashtags*, fazendo seu autorretrato ser processado diferentemente no sistema.

Em meio a essa modulação da intimidade realizada pelas plataformas, há um tipo específico que, a partir da experiência afetiva vinculada ao cotidiano dos personagens, mostra-se possível observar: uma modulação algorítmica da intimidade. Para explicá-la, tomo como exemplo a incorporação ao cotidiano fotográfico de Martim de uma nova experimentação. Enquanto eu escrevia este texto, ele me enviou uma mensagem, através do modo *direct* do Instagram, avisando-me que havia me incluído em sua relação de “melhores amigos” do *stories*, função que resolveu começar a usar naquele momento. Antes, as publicações naquele modo estavam abertas para qualquer um de seus seguidores; agora, quando escolhe a função “melhores amigos”, apenas um grupo selecionado por ele pode visualizar a imagem. Curiosamente, seu primeiro compartilhamento foi um *nude*: não dele, mas de seu marido, Mario, alongando na cama, completamente pelado. No entanto, logo a segunda publicação, realizada em um outro dia, era uma selfie. Nela, Martim aparece preenchendo com seu corpo todo o enquadramento da foto em preto e branco, com o *smartphone* posicionado abaixo de seu quadril, gerando uma imagem com uma angulação que coloca o “observador” em posição rebaixada, olhando para cima. Na parte superior, vê-se um pedaço de seu rosto, olhando para a câmera, enquanto o corpo é posicionado lateralmente, mostrando parte das costas molhadas até a região superior das nádegas, visível por causa da cueca que foi abaixada. Em cima desta região corporal, Martim acrescentou a palavra “Marquinha”.

Como havia me explicado anteriormente, ele costuma fazer selfies desse tipo, mostrando partes do corpo em uma expressividade erótica, mas geralmente as encaminha para grupos privados – em conversas no WhatsApp, por exemplo – ou diretamente para Mario, também em privado. Quando esse tipo de imagem é produzido e compartilhado em um direcionamento mais amplo, utilizando o modo *stories* – mesmo que em uma forma mais controlada e parcialmente privada, e partir da lista de “melhores amigos” –, há uma diferente modulação da intimidade não apenas no gerenciamento de impressão para uma audiência um pouco mais ampla, mas também devido ao modo como a plataforma se articula enquanto componente da experiência afetiva. Ao passar do WhatsApp para o *stories* do Instagram há uma diferença bastante relevante: a ação algorítmica. Ou seja, os *nudes* de Martim modificam-se de uma plataforma para outra. A prática de selfie se transforma porque ela se torna afetada, também, por uma performatividade algorítmica (BITENCOURT, 2021). Há uma co-construção de práticas de selfie e práticas algorítmicas de dado, revelando o que chamei em outros trabalhos de experiência algorítmica (LEMOS; PASTOR, 2020; PASTOR, 2020) – quando algoritmos tornam-se relevantes na constituição de uma prática. O nu de Martim, portanto, constrói-se de maneira diferente, assim como a intimidade vinculada a esta prática localizada de selfie torna-se algorítmicamente modulada. Trata-se, como chamaria Bucher (2018), de um encontro afetivo com algoritmos. Ao ser compartilhada no *stories*, a selfie entra em uma dinâmica de visibilidade gerida pelas diversas ações de Martim (diretas ou indiretas) na plataforma, assim como das pessoas com as quais ele se relaciona e que podem, ou não, de acordo com os dados coletados, receber preferencialmente aquela imagem nas atualizações do *feed*. Essa expressividade erótica – para usar, mais uma vez, a próprio termo sugerido por Martim –, enquanto afeto, não se produz apenas a partir da imagem de seu corpo nu, mas também pelo modo como algoritmos voltados para uma dataficação do cotidiano o compreende, aprende a partir dele, e coloca em correlação outras práticas e outros afetos. Como lembra Bucher (2018), a presença dos algoritmos na vida cotidiana indica uma experiência que não é simplesmente resultado de uma receita matemática, mas de afetos e sensações gerados por eles. Se a prática de selfie demonstra como a intimidade pode ser diferentemente modulada – transformada, compartilhada –, acaba por, na interação com plataformas digitais, tornar visíveis também as possibilidades de afetar e ser afetado em performances conjuntas com algoritmos. Ou seja, exibem-se também as possibilidades de

diferentes modulações algorítmicas da intimidade.

Como é possível perceber a partir dos relatos apresentados, essa modulação algorítmica da intimidade, em menor ou maior grau, está presente na experiência de todos os personagens. Quando o privado se mistura ao público, e cenas do cotidiano, de uma intimidade doméstica, revelam-se em meio aos diversos compartilhamentos em plataformas digitais – como o Instagram –, essa modulação passa a fazer parte da própria experiência de se fotografar.

Considerações finais

Revelar alguns dos afetos e expressões emotivas vinculados à prática de selfie dos personagens me exigiu, aos poucos, justamente uma maior intimidade com eles. Ou seja, durante esse percurso de seguir a experiência fui compreendendo seus hábitos, observando suas performances corporais, adentrando seus cotidianos domésticos, percebendo seus momentos de alegria ou frustrações, e conhecendo cada vez mais suas experiências afetivas. Fui percebendo, assim, que a questão não seria localizar cada afeto, mas de compreender – e experienciar – as possibilidades de afetar e ser afetado. Tratam-se, assim, dos modos possíveis para conectar experiências em práticas situadas, permitindo uma construção cotidiana de emoções

através dos corpos. Dessa forma, é nessa possibilidade de afeto que se revela, por exemplo, uma modulação da intimidade na qual diversas materialidades digitais podem compor as experiências afetivas: participam ativamente da construção de afeto e de performances corporais-materiais-algorítmicas em práticas de selfie. É nesses termos que se mostra possível, também, observar uma intimidade compartilhada através de plataformas digitais, assim como há, ainda, uma reorganização cotidiana da experiência na qual modulações algorítmicas da intimidade passam a participar dos modos como nos relacionamos com a produção e compartilhamento de autorretratos digitais.

Como lembra Despret (2004), há uma articulação entre corpos e mundos, e é através dela que aprendemos a ser afetados. Trata-se, na perspectiva deste trabalho, de um aprendizado da própria prática de selfie, da maneira de conduzir e performar nossos corpos, envolvendo-nos com outros corpos, com materialidades digitais e intimidades compartilhadas através de diferentes plataformas. Significa, por exemplo, aprender a ser afetado pelos algoritmos; aprender a compartilhar a intimidade; ou compreender a multiplicidade do corpo em meio a imagens conversacionais, expressões emotivas coproduzidas e práticas de dado. Nesse sentido, aprender a relatar a si mesmo também significa aprender a ser afetado.

Referências

- BERLANT, L. Intimacy : A Special Issue. *Critical Inquiry*, v. 24, n. 2, p. 281–288, 1998.
- BITENCOURT, E. *Smartbodies*: Plataformas digitais, tecnologias vestíveis e corpos remodelados. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFGM, 2021.
- BUCHER, T. *If... then*: Algorithmic power and politics. New York: Oxford University Press, 2018.
- DESPRET, V. The Body We Care for: Figures of Anthro-zoo-genesis. *Body & Society*, v. 10, n. 2–3, p. 111–134, 29 jun. 2004.
- DIJCK, J. VAN; POELL, T.; WAAL, M. DE. *The Platform Society*. New York: Oxford University Press, USA, 2018.
- ENGUIX, B.; GÓMEZ-NARVÁEZ, E. Masculine Bodies, Selfies, and the (Re)configurations of Intimacy. *Men and Masculinities*, v. 21, n. 1, p. 112–130, 2018.
- GREGG, M.; SEIGWORTH, G. J. *The affect theory reader*. Durham & London: Duke University Press, 2010.
- GROSSBERG, L. The Terror and the Beast. In: *Under the cover of chaos*: Trump and the Battle for the American Right. London: Pluto Press, 2018. p. 3–15.
- HJORTH, L.; LIM, S. S. Mobile intimacy in an age of affective mobile media. *Feminist Media Studies*, v. 12, n. 4, p. 477–484, 2012.
- HYNNÄ-GRANBERG, K. “Why can’t I take a full-shot of myself? Of course I can!” Studying selfies as socio-technological affective practices. *Feminist Media Studies*, 2021.
- JAMES, W. *Essays in Radical Empiricism*. New York, London: Longmans, Green, and Co, 1912.
- JAMES, W. The emotions. In: *The principles of psychology*: Volume Two. New York: Dover Publications, 1950. p. 442–485.
- JAMES, W. Pragmatism (1907). In: *Pragmatism and Other Writings*. London: Penguin Books, 2000.
- LASÉN, A. Digital self-portraits: exposure and the modulation of intimacy. In: *Mobile and Digital Communication*: Approaches to Public and Private. Covilhã: LABCOM, 2015. p. 61–76.
- LASÉN, A. Lo ordinario digital: digitalización de la vida cotidiana como forma de trabajo. *Cuadernos de relaciones laborales*, v. 37, n. 2, p. 313–330, 2019.

- LATOUR, B. How to Talk About the Body? The Normative Dimension of Science Studies. *Body & Society*, v. 10, n. 2–3, p. 205–229, 2004.
- LEMOIS, A.; PASTOR, L. Experiência algorítmica: ação e prática de dado na plataforma Instagram. *Contracampo*, v. 39, n. 2, 2020.
- LUPTON, D. *Digital Sociology*. London and New York: Routledge, 2015.
- MASSUMI, B. The Autonomy of Affect. *Cultural Critique*, n. 31, p. 83, 1995.
- MAYER-SCHÖNBERGER, V.; CUKIER, K. *Big data: A revolution that will transform how we live, work, and think*. Kindle ed. Boston, New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2013.
- MOL, A. *The body multiple: ontology in medical practice*. Durham & London: Duke University Press, 2002.
- MONTARDO, S. P. Selfies no Instagram: implicações de uma plataforma na configuração de um objeto de pesquisa. *Galáxia (São Paulo)*, n. 41, p. 169–182, 2019.
- MONTARDO, S. P.; WEBER, C. Panorama dos estudos sobre selfies. In: MONTARDO, S. P. (Ed.). *Selfies: subjetividade e tecnologia*. Porto Alegre: Sulina, 2018.
- PASTOR, L. “My first selfie”: Experimenting with shame and visibility. *First Monday*, v. 26, n. 4, 11 mar. 2021.
- PASTOR, L. Seguindo a experiência: uma etnografia diante da prática de selfie. *Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas)* – Universidade Federal da Bahia, 2020.
- SAVRANSKY, M. The Pluralistic Problematic: William James and the Pragmatics of the Pluriverse. *Theory, Culture & Society*, v. 38, n. 2, p. 1–19, 2021.
- SENFT, T. M.; BAYM, N. K. What Does the Selfie Say ? Investigating a Global Phenomenon Introduction. *International Journal of Communication*, v. 9, p. 1588–1606, 2015.
- STENGERS, I. William James: une éthique de la pensée? In: DEBAISE, D. (Ed.). *Vie et expérimentation: Peirce, James, Dewey*. Paris: Vrin, 2007. p. 147–174.
- STEWART, K. *Ordinary Affects*. Durham & London: Duke University Press, 2007.
- TIIDENBERG, K.; GOMEZ CRUZ, E. Selfies, Image and the Re-making of the Body. *Body & Society*, v. 21, n. 4, p. 77–102, 2015.
- WARGO, J. M. “Every selfie tells a story ...”: LGBTQ youth livestreams and new media narratives as connective identity texts. *New Media & Society*, p. 1–19, 2015.
- WEILENMANN, A.; HILLMAN, T. Selfies in the wild: Studying selfie photography as a local practice. *Mobile Media & Communication*, v. 8, n. 1, p. 42–61, 22 jan. 2020.
- WILLSON, M. Algorithms (and the) everyday. *Information Communication and Society*, v. 20, n. 1, p. 137–150, 2017.